



**BEBIDAS
ALCOÓLICAS**
Segurança jurídica
no imposto seletivo



Perdas chegam a R\$ 57 bilhões

Segundo especialistas, o álcool ilegal representa 30% do mercado no país. O prejuízo fiscal chegou a R\$ 14,2 bilhões em 2023

» FERNANDA STRICKLAND
» RENATO SOUZA
» VICTOR CORREIA
» HENRIQUE LESSA

Um estudo realizado pela Euromonitor Internacional mostra que as perdas diretas causadas pela ilegalidade — evasão fiscal, produção sem registro, contrabando e falsificação — alcançaram a cifra de R\$ 56,9 bilhões no ano de 2023, no Brasil. No intervalo entre 2017 e 2023, esse mercado cresceu 224% em valores nominais. No primeiro levantamento, realizado há seis anos, o montante era de R\$ 17,6 bilhões.

Os dados foram apresentados no CB.Debate, realizado ontem, pelo **Correio**, com o patrocínio do Instituto Brasileiro da Cachaça (Ibrac) e da Associação Brasileira de Bebidas Destiladas (ABBD). Durante sua apresentação, o Consultor Líder na Euromonitor Internacional, Leonardo Weber explicou que o mercado ilegal está crescendo a cada ano. “Hoje, o mercado de álcool ilícito, em álcool puro, ultrapassa 200 milhões de litros. Mesmo com a retomada econômica, ilícitos permanecem em patamar superior ao período pré-pandêmico e representam hoje cerca de 30% do volume total do mercado de bebidas destiladas. Já na questão de proporção do mercado total de bebidas, a alta se aproxima de 16%, no grupo que inclui todas as bebidas”, disse.

O executivo registrou que a perda fiscal com destilados ilícitos em 2023 foi 158% maior que em 2017, em valores nominais, alcançando R\$ 14,2 bilhões. O valor está acima do orçamento do Ministério da Educação para Educação Básica em 2023 (R\$ 9,6 bilhões).

O gerente de relações públicas da Brown Forman para América Latina, André Duarte, também alertou que

cerca de 30% do mercado de bebidas no Brasil comercializa produtos falsificados. O executivo, que é conselheiro da Associação Brasileira de Bebidas Destiladas (ABBD), aponta o quanto uma tributação desregulada amplia a ilegalidade. “Hoje, 30% do mercado de comercialização de bebidas alcoólicas é de produtos falsificados. Tem um mercado enorme de quadrilhas que atuavam no contrabando mas que agora migram suas operações para o mercado de falsificação pelos enormes lucros possíveis”, apontou Duarte.

Para o executivo, a tributação mais calibrada é fundamental para enfrentar esse mercado de bebida ilegal. “Uma tributação descalibrada em um setor produz efeitos nocivos, não só para o setor, mas também para a saúde pública, para a população e para o governo. Um imposto muito alto de forma geral faz todo mundo sair perdendo”, opinou o executivo.

Ele lembrou que, na falsificação, raramente são observados os cuidados sanitários devidos em produtos de consumo humano. “Pode matar qualquer um de nós aqui, em graus mais altos, pode matar facilmente. Há tipos de álcool que não são próprios para o consumo humano como o metanol e acetona, e muitas vezes vemos esses componentes em produtos falsificados”, lembrou Duarte.

Crime organizado

A diretora de Gestão do Fundo Nacional de Segurança Pública, Camila Pintarelli, acrescentou que o comércio de bebidas ilegais no Brasil financia o crime organizado. Ela destacou que os recursos coletados com a venda ilegal destes itens são usados por facções criminosas para financiar diversas atividades violentas.

“O que estamos debatendo é a ilegalidade do mercado de

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Weber: álcool ilícito chega a 30% do volume do mercado

Pintarelli: bebida ilegal financia o crime organizado

Monferrari: elevação de tributos aumenta a ilegalidade



Duarte: falsificação preocupa mais do que contrabando

bebidas alcoólicas. A dinâmica do cenário ilegal de bebidas no Brasil é um estímulo e financiamento às organizações criminosas. Isso é fato. Temos lucros revertidos para o financiamento de outras

atividades. Temos uma dinâmica em que o pré e pós consumo integra essa lógica de organização criminosa”, disse.

Camila destacou que o álcool em si, quando consumido

de forma exagerada já é fator de aumento da violência, principalmente a violência doméstica. E ponderou que, mesmo consumido de forma moderada, se a bebida tiver origem ilícita, o consumidor estará engordando os cofres do crime organizado. “Temos o aumento da violência. O consumo abusivo do álcool já gera isso. Não estamos defendendo o uso abusivo do álcool, estamos defendendo o consumo responsável. Mas estamos falando de bebida ilegal e ela gera sim aumento da violência”, ressaltou a especialista.

Para o Head de Proteção às Marcas e Segurança Corporativa da Diageo e coordenador do combate ao mercado ilegal de entidades de bebida alcoólica, Daniel Monferrari, o aumento da tributação sobre o setor pode aumentar o comércio ilegal de bebidas alcoólicas e trazer prejuízos para a saúde pública.

“O criminoso não vai pagar imposto”, frisou Monferrari. Ele destacou que o crime organizado atua no modelo “crime como serviço”. Monferrari citou como exemplo as milícias no Rio de Janeiro. “[A organização criminosa]

Utiliza a cadeia logística de distribuição de produtos ilícitos que ele já possui. Agrega falsificação e contrabando de bebidas destiladas ao portfólio de atividades criminosas dele”, pontuou.

Monferrari ressaltou ainda que o combate à atividade criminosa é prioritária no combate aos efeitos nocivos do álcool, e não o aumento de tributos, como o imposto seletivo, que está sendo debatido no âmbito da Reforma Tributária. Segundo ele, onerar mais um produto o torna mais atrativo para o comércio ilegal, e as experiências de outros países com o aumento de impostos sobre a bebida, como na Grécia e na Bélgica, mostraram um impacto negativo tanto na arrecadação, no aumento do consumo de bebidas e na saúde pública, com casos de intoxicação pelo álcool ilegal.

“Quando a gente fala de perda fiscal, esse impacto fica ainda maior. Quando a gente olha para os R\$ 14,2 bilhões que são perdidos na arrecadação atualmente no Brasil, a gente pode verificar que tem vários ministérios que não têm esse orçamento”, pontuou.

Impactos da bebida na saúde

» VICTOR CORREIA
» MAYARA SOUTO

Não importa se é cerveja, vinho ou destilados: beber álcool em exagero traz as mesmas consequências para a saúde — como dependência e risco de doenças cardiovasculares. Médicos e especialistas no tema apontam que, para pensar em políticas públicas e formas de combater os danos na população, é preciso levar em conta a quantidade e frequência do consumo, e não o tipo. A mudança começa pela educação de que “álcool é álcool”, e que não existem bebidas “fortes” ou “fracas”.

O impacto das bebidas na saúde foi o tema do 2º painel do CB Debate — Bebidas Alcoólicas: Segurança Jurídica no Imposto Seletivo, realizado ontem pelo **Correio**. O evento tratou sobre o mercado de bebidas alcoólicas no Brasil, os efeitos do consumo e possíveis consequências do aumento da taxa sobre o setor.

“Do ponto de vista da saúde, não há diferença entre a cerveja, o vinho e os destilados. As três categorias podem ser abusadas e dar o mesmo resultado para a saúde física”, explicou a CEO da MM Science and Policy Advisors, Marjana Martinic, que participou do debate de forma remota. A consultoria internacional é especializada em unir a ciência com a formulação de políticas públicas. “Não há evidência de aumento ou diminuição de risco para um tipo específico de bebida. Então, no que se refere à saúde, álcool é álcool”, frisou.

Entre os riscos já conhecidos do consumo exagerado estão o desenvolvimento de cirrose hepática, doenças cardiovasculares, diversos tipos de câncer, alcoolismo e depressão. Outros



Bouer: não existe a ideia de bebida de moderação



Martinic: não há diferença entre a cerveja, o vinho e os destilados

estudos demonstram benefícios à saúde do consumo leve, com redução das chances de desenvolver doenças cardiovasculares e diabetes tipo dois. Não há, porém, relação com o tipo de bebida consumida — tomar vinho ou cerveja em pequenas doses traz o mesmo benefício, e o exagero causa as mesmas consequências.

As conclusões vêm de revisões bibliográficas sistemáticas, quando pesquisadores analisam um grande número de artigos sobre o tema para chegar ao resultado. Segundo Martinic, os riscos estão ligados à bebida mais consumida em cada país. “No Brasil, três em cada cinco bebidas são cerveja. Estou falando da quantidade de álcool puro que está sendo consumida. 60% de todo o consumo de álcool no Brasil é a cerveja. Então, o prejuízo maior para a saúde está relacionado com ela, e nem tanto aos destilados e ao vinho”, apontou.

O estudo citado por ela foi publicado em 2021 na revista Taylor e Francis, chamado “A Contribuição dos Tipos de Bebidas Alcoólicas para o Consumo Abusivo de Álcool e Danos Relacionados ao Álcool, uma Comparação entre Cinco Países”, de autoria de Mallie J. Paschall e outros pesquisadores. O estudo foi financiado pela AB InBev, ou Ambev, dona de marcas de cerveja como a Brahma e a Budweiser.

Dessa forma, os fatores mais importantes para medir os efeitos na saúde são a quantidade de etanol consumida e a frequência do consumo. Quanto maior e mais frequente o uso, maiores os riscos. Mas influenciam também a idade, sexo, fatores genéticos, histórico familiar de doenças, fumo, obesidade e alimentação. Isso sem mencionar o risco de combinar bebida e direção.

Por isso, explica Martinic, as ações da Organização Mundial da Saúde (OMS) no uso prejudicial do álcool, sem distinção de tipo.

Impacto nos jovens

Os fatores culturais e sociais que contribuem para o uso abusivo de álcool, especialmente,

dos jovens, foi o tema abordado pelo médico psiquiatra e comunicador Jairo Bouer. “O que pode favorecer o consumo de álcool pelo adolescente é a situação. Se ele está em um grupo em que todos bebem, ele pode sentir pressão para beber também para pertencer àquele grupo”, iniciou Bouer. “Em muitas famílias essa questão de educação para o consumo não é uma coisa que acontece de uma maneira muito

Como o álcool é metabolizado após uma festa?

O corpo metaboliza, em média, uma dose de álcool a cada hora. Porém, há variações individuais, como o sexo e o peso da pessoa



2h da manhã
João e Maria foram para uma festa e beberam até o final

João bebeu seis latas de cerveja (seis doses)

Maria bebeu dois drinks (duas doses)

3h da manhã
Eles saem dirigindo e param em uma blitz

Se João está dirigindo, é pego no teste do bafômetro

Se Maria está dirigindo, é pega no teste do bafômetro

7h da manhã
Ambos acordam para ir ao trabalho

João ainda está sob o efeito de álcool, e pode sofrer prejuízo para dirigir ou operar máquinas

Maria já metabolizou completamente as doses

clara. Não é incomum que, em momentos de confraternização, os pais ou a família convidem o jovem a beber”, acrescenta.

Ele destacou, durante sua fala, que há uma distinção cultural falsa no Brasil entre as bebidas “fracas”, com baixa concentração de álcool, e as bebidas “fortes”.

Para o médico, o grande desafio é sobre como orientar a população mais jovem para consumir álcool em segurança. Fatores

como a pressão dos grupos sociais e mesmo a permissividade cultural com o exagero na bebida podem levar à formação de hábitos nocivos. “Primeiro, o ideal é não beber antes dos 18 anos. Segundo, não dirigir depois de beber. E terceiro, é preciso saber que álcool é álcool. Não existe uma bebida de moderação, existe um padrão moderado de consumo. Não existe bebida leve ou que faz menos mal.”